

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia  
Período de Análise: novembro de 2009.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Revista Isto é Dinheiro Rural  
Revista Globo Rural

## Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL .....	4
<b>Etanol</b> .....	4
<b>Grandes grupos ocupam o espaço de famílias tradicionais nas usinas</b> – Renée Pereira- Estado de São Paulo – economia e negócios – 01/11/2009.....	4
<b>‘Já estou com o pijama passado’</b> – Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/11/2009.....	6
<b>Gasolina já é mais vantajosa que álcool em 17 Estados e DF</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/11/2009.....	7
<b>EUA ADIAM DEFINIÇÃO SOBRE ETANOL</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/12/2009.....	7
<b>Líder nacional em aguardente, a Ypióca estreia no setor de álcool com a inauguração de sua maior fábrica, a primeira do estado do Ceará a produzir o combustível renovável</b> – Clarice Couto – Globo Rural – novembro de 2009.....	7
<b>Grupo Alcotra planeja fazer aporte em usinas de álcool</b> - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 04/11/2009.....	8
<b>ADM já planeja 3ª usina de etanol no país</b> - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 06/11/2009.....	9
<b>Preço em alta reduz competitividade do etanol</b> - Rafael Rosas – Valor Econômico – Agronegócio - 09/11/2009.....	10
<b>Moagem de cana sobe 7,2% no acumulado desta safra</b> – Valor Econômico – Agronegócio - 11/11/2009.....	11
<b>Etanol pode perder "corrida" contra a gasolina até em SP</b> - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/11/2009.....	12
<b>Colheita de cana já se aproxima do fim</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 25/11/2009.....	13
<b>Cresce mecanização da colheita da cana em SP</b> - Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios - 27/11/2009.....	14
<b>Restrição de financiamento poupa canaviais já licenciados</b> - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Agronegócios -27/11/2009.....	15
<b>Biodiesel</b> .....	17
<b>Agronegócio domina a produção</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009 .....	17
<b>Petrobras adquire 50% de usina de biodiesel em obras no Paraná</b> - Marli Lima – Valor Econômico – Agronegócios - 20/11/2009.....	17
POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS .....	19
<b>Etanol</b> .....	19
<b>Etanol–benefícios, Riscos e desafios</b> – Marcos Sawaya Jank – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 06/11/2009.....	19
<b>Gasolina pode ter adição menor de álcool</b> – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009.....	20
<b>Governo de SP muda tributação da cana</b> – Fátima Fernandes e Claudia Rolli – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009.....	22
<b>Mistura de etanol na gasolina deve ser mantida</b> - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 12/11/2009.....	23
<b>Biodiesel</b> .....	25

<b>Apagão da mamona</b> - Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 17/11/2009 .....	25
<b>Área pioneira em biodiesel vai para reforma agrária</b> – Eduardo Scolese e Eduardo Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009.....	26
<b>Selo de Combustível Social é debatido em Congresso de Biodiesel</b> – Sítio eletrônico do MDA - 09/11/2009 .....	28
<b>Biodiesel: MDA destaca inclusão social no campo</b> – Sítio Eletrônico do MDA - 11/11/2009 .....	28
<b>Biodiesel: MDA distribui sementes para agricultores familiares</b> – Sítio Eletrônico do MDA - 27/11/2009.....	29
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	31
<b>Etanol</b> .....	31
<b>Discussão sobre o etanol ganha novas proporções</b> – Estado de São Paulo – Economia – 16/11/2009.....	31
<b>China investe para se tornar líder global em geração de energia verde</b> - Cláudia Trevisan – Estado de São Paulo – Vida & - 29/11/2009.....	31
<b>Amorim quer abertura para etanol nos EUA</b> - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/11/2009.....	34
<b>AIE reduz projeções para a oferta de álcool no país</b> - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 13/11/2009 .....	34
<b>Rio busca, mais uma vez, estimular área de etanol</b> - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios -13/11/2009.....	35
<b>Energia renovável não bastará, diz AIE</b> – Valor Econômico – Internacional - 20/11/2009 .....	36
<b>Etanol entra de vez na rota da Rhodia</b> - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Empresas - 25/11/2009 .....	37

## AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

### **Etanol**

**Grandes grupos ocupam o espaço de famílias tradicionais nas usinas** – René Pereira- Estado de São Paulo – economia e negócios – 01/11/2009

Em menos de 10 anos, a participação dos cinco maiores grupos subiu de 12% para 21,5% da produção nacional

Durante décadas, eles protagonizaram uma história cheia de sucesso e polêmica em umas das atividades mais antigas do Brasil: a produção de açúcar e álcool.

Desenvolveram o maior e mais eficiente programa de biocombustível do mundo, fizeram fortuna, ganharam os holofotes do mercado internacional e despertaram a cobiça de mega investidores.

Agora, famílias tradicionais, cujo sobrenome virou sinônimo da indústria sucroalcooleira, começam a se tornar meros coadjuvantes de uma história que volta a ser reescrita e tem como mote a concentração e os ganhos de escala.

O mais recente capítulo dessa nova fase do setor é a megatransação entre a Santelisa Vale – das famílias Biagi e Junqueira Franco – e a Louis Dreyfus Commodities (LDC) Bioenergia.

Com a operação, a gigante francesa passa a ter 5,1% do setor e sobe ao segundo lugar no ranking dos maiores grupos do País. A LDC perde apenas para a Cosan (9,3%), a maior produtora de açúcar e álcool do mundo, da família Ometto, que se uniu ao Grupo Nova América, dos Resende Barbosa.

Em menos de uma década, a participação dos cinco maiores grupos do setor subiu de 12% para 21,54%. Em cinco anos, esse número pode chegar a 40%, avaliam especialistas. O avanço alcançado até agora foi resultado de 99 fusões e aquisições entre 2000 e 2009 na indústria sucroalcooleira, segundo dados da consultoria KPMG.

Nesse processo, famílias como Junqueira Franco, Biagi, Vieira, Tavares de Melo e Resende Barbosa cedem seus lugares a novos personagens. Entre eles, Dreyfus, Tereos, ETH (da Odebrecht), Bunge, Cargill e Adecoagro (do mega investidor George Soros), além da gigante Cosan. Nos próximos meses, alguns deles vão fazer barulho em três grandes negócios em andamento no setor.

Os grupos Moema, Equipave Brenco, responsáveis pela moagem de mais de 20 mil toneladas de cana, devem ser comprados ou incorporados. A Americana Bunge é a mais cotada para levar a Moema, de Maurílio Biagi, e a ETH já assinou memorando de entendimento de fusão com a Brenco. No caso da Equipav, pelo menos nove empresas, entre elas a Bunge, são candidatas a aquisição dos ativos.

“Todo mundo está de olho na gente. Somos um dos melhores ativos do País”, avalia Maurílio Biagi Filho, sócio da Moema, o quinto maior grupo do setor. O usineiro é irmão de Luiz e André Biagi, que venderam a Santelisa para a Dreyfus.

Se o negócio com a Moema for fechado, o clã Biagi, cuja primeira usina foi

fundada em 1931, praticamente passa a ter uma participação minoritária no setor.

“Ainda temos umas usininhas por aí”, comenta Maurílio.

Ele acredita que a tendência de consolidação deve continuar nos próximos anos, mas dificilmente o setor será concentrado como nos demais segmentos.

Hoje a indústria de açúcar e álcool conta com mais de 400 usinas comandadas por mais de 200 grupos, diz o diretor da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), Eduardo Leão.

Ele explica que a crise internacional iniciada no ano passado castigou o setor, que estava altamente endividado, especialmente em moeda estrangeira, por causa de novos investimentos.

Entre 2006 e 2009, quando o etanol ganhou importância no contexto contra o aquecimento global, foram injetados no setor US\$ 20 bilhões.

Muito endividadas no curto prazo, muitas empresas tiveram problemas de liquidez uma vez que o mercado de crédito mundial se fechou. “Isso provocou uma queda significativa no preço dos ativos e facilitou o ‘bote’ das multinacionais, capitalizadas”, diz o presidente do Sindicato de Açúcar e Álcool de Minas Gerais, Luiz Custódio Cotta.

Segundo ele, mesmo antes da crise, alguns produtores estavam insatisfeitos com os preços do etanol e aproveitaram as oportunidades. Entre eles, estava a família Tavares de Melo, produtor tradicional do Nordeste.

Uma ala da família vendeu cinco usinas para a Dreyfus e encerrou 78 anos de atividades no setor. O grupo decidiu se concentrar em outros negócios, como o de sucos.

Outra lã tradicional que não resistiu às investidas dos estrangeiros foi a família Vieira, dona da Usina Monte Alegre, em Minas Gerais. A empresa tornou-se sócia minoritária do mega investidor George Soros, dono da Adecoagro. “Nosso negócio ficou mais capitalizado com essa associação. Durante a crise, sofremos menos que outras companhias do setor”, afirma o diretor da Adecoagro, Marcelo Vieira, cuja família fundou a Monte Alegre em 1917.

“Precisamos juntar o capital do investidor estrangeiro com a experiência dos grupos nacionais, essenciais para o sucesso dos empreendimentos”, avalia Vieira. Mesma opinião tem o consultor Eduardo Pereira de Carvalho, ex-presidente da Unica e ex-diretor da ETH: “Existem alguns preconceitos no Brasil que precisam ser eliminados.

Um deles é contra o capital estrangeiro. O país não tem poupanças suficientes para bancar todos os investimentos.”

Na avaliação dele, que tem trabalhado em alguns negócios, o setor está mudando de dimensão. Ou seja, deixou de ser um produtor local para entrar no universo dos combustíveis, no mundo da energia. Ele acredita que, muito em breve, o plano de algumas petroleiras de estreitar no setor se tornará realidade. Oportunidades não faltarão, garante.

Neste momento, as operações envolvem grandes ativos.

“Mas os pequenos usineiros terão seu momento. Nós, por exemplo, estamos de olho nas usinas menores.” O sócio da KPMG, André Castelo Branco, acredita que as grandes operações continuarão a ocorrer nos próximos meses, até porque ainda há empresas em dificuldades.

Para ele, daqui pra frente o setor será mais corporativo e menos familiar. “Mas esse será um processo gradativo.”

**‘Já estou com o pijama passado’** – Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/11/2009

Perto de completar 78 anos, o usineiro Cícero Junqueira Franco –aquele que ajudou a idealizar o Proálcool, na década de 70 – comandou na semana passada uma das maiores negociações do setor sucroalcooleiro nos últimos anos: a fusão entre a usina Santaelisa Vale e o grupo francês Louis Dreyfus Commodities Bioenergia (LDC).

Quase dois anos antes, em 2007, ele já havia protagonizado a maior fusão do setor, entre a sua Vale do Rosário e a Santa Elisa, da família Biaggi.

Desde então vinha comandando os negócios na usina, bastante debilitados desde o início da crise, em 2008. Agora, com a operação, as duas famílias deixam o controle da empresa e ficam com uma participação de 16% da nova companhia, que se tornou a segunda maior produtora de açúcar e álcool do mundo. “Já estou com o pijama passado”, brinca Junqueira Franco.

Na sexta-feira, logo após o almoço, o usineiro conversou por alguns minutos com a reportagem do **Estado** para contra um pouco os planos para o futuro. Ele disse que, durante algum tempo, continuará dando assessoria aos novos controladores, já que eles ainda são recentes no setor.

“Eles conhecem muito a parte comercial e financeira.

Vou dar minha colaboração na parte de produção”, diz ele, chamado no setor de “O Pai do Proálcool”. “Hoje estou mais para avô do Proálcool”, brinca Junqueira Franco, que foi um dos primeiros a testar o carro movido a etanol no Brasil, no seu Fiat 147.

Bem-humorado, apesar do estresse provocado pelos últimos dias de negociação, ele afirma que deve continuar na fazenda, criando gado, cavalos e os netos. “Tenho 12 netos e dois bisnetos. Não faltará trabalho.”

Ele acredita que o setor está bem mais fortalecido agora, com a melhora dos preços do açúcar e a expectativa em relação ao mercado de etanol no exterior.

“O petróleo está acabando.

O momento é da energia renovável.” A vantagem do Brasil, completa o usineiro, é que poucos países têm capacidade de produzir o combustível com a eficiência dos produtores daqui. É claro que novas tecnologias vão surgir, como é o caso do etanol de segunda geração.

Mas o Brasil continuará sendo o mais eficiente.

Sobre a consolidação do setor, ele acredita que o processo será mais lento. A explicação está na grande pulverização, com mais de 400 unidades nas mãos de mais de 200 grupos. Mas ele reconhece que a economia de escala é um grande apelo dentro de qualquer atividade no mundo inteiro.

Na avaliação dele, a presença dos investidores estrangeiros representa uma retomada: “No começo, o setor tinha muito capital estrangeiro. Mas eles foram embora quando o Estado decidiu intervir no setor.

Agora ele está voltando, especialmente por causa do apelo do setor como um setor de combustível, não apenas de alimento.”

## **Gasolina já é mais vantajosa que álcool em 17 Estados e DF – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/11/2009**

O preço do álcool continua subindo em todo o país e deixou de ser competitivo em 17 Estados e no Distrito Federal na primeira quinzena deste mês. O número quase dobrou desde o fim de outubro, quando eram dez Estados, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). Já não é vantajoso abastecer veículos com álcool em Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e Sergipe.

O preço do álcool vem subindo devido à demanda maior por açúcar no mercado internacional -há problemas de produção na Índia. Para suprir essa falta no mercado, as exportações do produto cresceram consideravelmente, fazendo com que as usinas de cana-de-açúcar ampliassem a produção de açúcar em detrimento da de álcool. A ocorrência de chuvas no centro-sul do país também contribuiu para a alta, ao afetar a produtividade das lavouras. Cálculos de especialistas, baseados no poder calorífico dos combustíveis, apontam que o álcool é competitivo até chegar a 70% do preço da gasolina. Para fazer a conta, divida o preço do álcool pelo da gasolina. Se o resultado ficar acima de 0,70, o álcool deixa de ser vantajoso.

No último dia 14, o preço do litro do álcool estava em R\$ 1,687, cerca de 2% acima do valor do final de outubro (R\$ 1,654). Apenas no mês passado, o preço do combustível subiu 10% em comparação com setembro, quando era encontrado, na média, por R\$ 1,475.

## **EUA ADIAM DEFINIÇÃO SOBRE ETANOL – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/12/2009**

A Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sigla em inglês) adiou para "meados de 2010" decisão de aumentar de 10% para 15% a adição de etanol na gasolina consumida nos Estados Unidos.

## **Líder nacional em aguardente, a Ypióca estreia no setor de álcool com a inauguração de sua maior fábrica, a primeira do estado do Ceará a produzir o combustível renovável – Clarice Couto – Globo Rural – novembro de 2009**

A nova planta do grupo presidido por Everardo Telles (abaixo, à direita): produção de álcool ou de cachaça

Depois de garantir a liderança nacional e internacional na produção de aguardente de origem - denominação dada em função do controle do processo de fabricação do produto, do plantio à comercialização - e ampliar sua atuação para as áreas de água mineral, papel, papelão, agropecuária e embalagens, o Grupo Ypióca

decidiu ingressar no promissor mercado de etanol. Em outubro, a empresa inaugurou sua maior e mais moderna fábrica, a sexta, em Jaguaruana, a 180 quilômetros de Fortaleza, CE, e que será também a primeira unidade produtora do combustível verde do estado.

Os 100.000 metros quadrados de instalações industriais têm capacidade instalada para produzir, anualmente, 50 milhões de litros de etanol ou 90 milhões de litros de aguardente. A prioridade, inicialmente, será dada ao álcool combustível. Desde 1º de outubro, cerca de 1.200 toneladas de cana vêm sendo processadas diariamente. Até dezembro, serão 100 mil toneladas de cana-de-açúcar moídas, que devem gerar, no período, em torno de 8 milhões de litros de etanol. A previsão de moagem para 2010 é de 200 mil toneladas e, para 2012, 700 mil toneladas.

"Hoje, o Ceará importa 100% do etanol que consome, um volume anual de 152 milhões de litros. Quando atingir sua capacidade máxima, em cerca de três anos, de acordo com o mercado, a fábrica de Jaguaruana fornecerá 50 milhões de litros de álcool combustível, ou 30% do consumo estadual", afirma Everardo Telles, presidente do grupo Ypióca e representante da quarta geração da família que fundou a empresa, há 162 anos. Outra unidade do grupo, em Paraipaba, CE, possui instalações preparadas para a produção de até 20 milhões de litros de etanol.

Seguindo a premissa adotada em todas as fábricas da companhia, ao menos 40% do total da cana utilizada será adquirida de produtores parceiros. "A fábrica de Jaguaruana conta com 6 mil hectares disponíveis para o plantio da cultura, dos quais, hoje, apenas 1 mil estão cultivados. Em 2012, com toda a área plantada, a estimativa é que sejam colhidas ali 500 mil toneladas de cana-de-açúcar. As outras 200 mil toneladas serão fornecidas por terceiros", explica José Paulo dos Santos, gerente de engenharia do grupo.

Para construir a nova unidade, ao longo de três anos, foram investidos R\$ 80 milhões. A fábrica é considerada uma das mais modernas do setor sucroalcooleiro do país, por contar com tecnologia de ponta e permitir a produção, em uma mesma estrutura, de cachaça, álcool hidratado, anidro e neutro.

#### **Grupo Alcotra planeja fazer aporte em usinas de álcool - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 04/11/2009**

O grupo belga Alcotra, uma das maiores tradings globais de etanol, deverá definir nas próximas semanas seus alvos de investimentos no setor sucroalcooleiro brasileiro. A companhia, que nos últimos meses analisou cerca de 40 usinas, deverá selecionar unidades para fazer negócio.

O Valor apurou que usinas da região do Triângulo Mineiro estão no radar da companhia. Fontes do setor afirmam que a companhia iniciou conversações com a usina Uberaba, que tem entre seus acionistas a indústria Caldema e a família Balbo, que controla as usinas paulistas Santo Antonio e São Francisco. Outro alvo seria a usina Total, que pertence a investidores da área de concessões de rodovias.



As mesmas fontes afirmam que a Alcotra tem interesse de comprar uma participação na Uberaba, que pode chegar a 60%. Procurados, os acionistas da Uberaba negam, por meio de sua assessoria, negociações neste sentido.

A Total possui uma usina, instalada em Bambuí (MG), com capacidade para moer 2,2 milhões de toneladas de cana. A usina recebeu investimentos da ordem de R\$ 205 milhões em sua primeira fase de investimentos. Procurada, a Total Agroindústria informou que contratou a consultoria FG Agro, de Ribeirão Preto (SP), para que a empresa estruture fundos que viabilizem uma segunda etapa de investimento da usina. A moagem da primeira safra começou em setembro deste ano.

De acordo com Matheus Hyashida, sócio da FG Agro, a Total é uma empresa que vem se financiando com recursos de longo prazo. Ele confirmou que para acelerar esta segunda etapa de investimento consideram a possibilidade de alienar uma participação até majoritária no capital da companhia ou uma fusão com um grupo maior através de troca de ações. Sobre a negociação com a Alcotra, Hyashida não confirma a negociação, mas cita que algumas negociações estão em curso e que todas elas estão protegidas por acordo de confidencialidade.

O grupo Alcotra confirma que tem interesse em expandir sua participação no setor sucroalcooleiro. No entanto, não dá detalhes sobre as negociações que estão em andamento.

A companhia belga ainda aguarda aporte de seus principais acionistas para bater o martelo sobre os investimentos no país. Com faturamento global de cerca de US\$ 1 bilhão, o grupo tem entre seus principais acionistas a companhia francesa EDF Energies Nouvelles e a trading Trafigura. A trading é presidida pelo belga Philippe Meeus, o acionista majoritário do grupo.

A trading negocia aproximadamente 2 bilhões de litros de álcool por ano, dos quais 1 bilhão de litros do Brasil. As exportações de álcool da Alcotra a partir do Brasil respondem por cerca de 25% dos embarques do país. Presente no país há cerca de 20 anos, a Alcotra quer se tornar uma grande usina. Fora do Brasil, o grupo já tem experiência na área. Na Bélgica, a companhia produz álcool a partir do trigo.

O grupo tem participação de 49% na usina Tabu, na Paraíba. Essa unidade produz álcool para fins industriais. No início deste ano, o grupo achou que daria seu grande passo ao negociar a compra da Triálcool, usina instalada no Triângulo Mineiro, controlada pelo grupo João Lyra, do ex-senador João Lyra, e que no dia 20 de novembro do ano passado entrou com pedido de recuperação judicial. No entanto, o negócio não foi levado adiante porque um dos credores da usina barrou a negociação.

Parte dos investimentos da Alcotra no Brasil ficou condicionada aos rumos que a negociação envolvendo a Triálcool levariam. No entanto, a trading decidiu manter seus aportes e aguarda aval de seus acionistas para prosseguir a expansão no país.

### **ADM já planeja 3ª usina de etanol no país - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 06/11/2009**

A multinacional americana ADM estuda expandir a produção de etanol à base de cana no Brasil. A companhia, que inaugurou em outubro sua primeira usina no país em parceria com o Grupo Cabrera, planeja construir sua terceira unidade.

No ano passado, a múlti anunciou sua estreia no mercado brasileiro de etanol em sociedade com o ex-ministro da Agricultura, Antonio Cabrera, em duas unidades

produtoras. A usina de Limeira do Oeste, instalada na cidade que leva o mesmo nome em Minas Gerais, entrou em operação em outubro. A unidade de Jataí, em Goiás, deverá iniciar os trabalhos em 2012. Outra usina deverá ser construída no mesmo Estado, apurou o Valor.

Uma das maiores produtoras mundiais de etanol à base de milho do mundo, a ADM planeja ampliar sua produção de álcool a partir da cana-de-açúcar.

As duas primeiras unidades da companhia foram projetadas para processar 3 milhões de toneladas de cana cada uma. A usina mineira deverá processar nesta temporada 2009/10 cerca de 500 mil toneladas da matéria-prima. A unidade de Jataí está ainda na fase de expansão agrícola, com plantio de cana.

O Valor apurou que a ADM estuda construir sua terceira unidade em Itarumã, em Goiás. A empresa já tinha feito uma reserva de área para cana naquela região, mas ainda trava disputa com outro grupo sucroalcooleiro pela mesma propriedade.

A entrada da ADM no mercado de etanol no Brasil ocorreu de maneira discreta. Apontada como grande consolidadora neste segmento, a empresa preferiu apostar em projetos "greenfield" (construção a partir do zero) de médio porte para entender o mercado brasileiro. Fontes ouvidas pelo Valor afirmaram que a múlti quer consolidar seus recentes investimentos, antes de dar passos maiores no setor. Procurados, a ADM e o grupo Cabrera não retornaram as ligações.

O avanço das multinacionais no mercado sucroalcooleiro tem ocorrido nos últimos quatro anos no país. Empresas como Bunge e Noble, por exemplo, conquistaram espaço no setor a partir de 2007, com a aquisição de unidades em operação em situação financeira delicada.

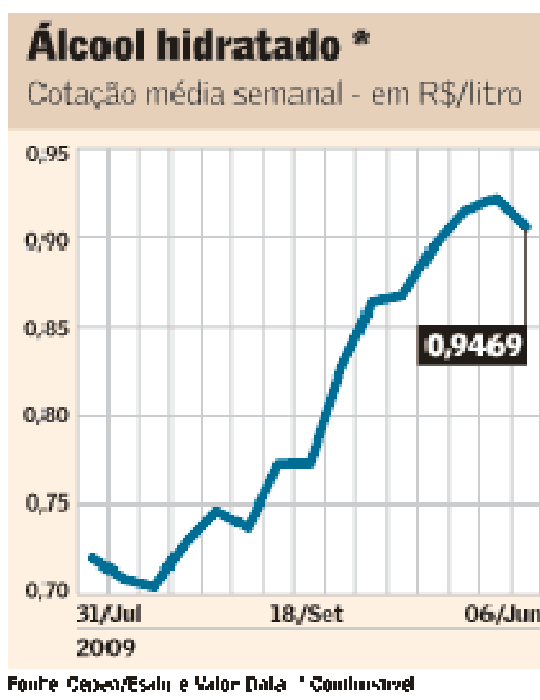
A expectativa é de que a crise pela qual as usinas passam reforce o movimento de concentração no setor. O grupo francês Louis Dreyfus reforçou sua posição no país com a criação da LDC-SEV, resultado da incorporação das usinas da Santelisa Vale.

O setor tem cerca de 50 usinas instaladas, sobretudo, no Centro-Sul do país à venda. Grandes grupos, como Equipav e Moema, ambos em São Paulo, estão em pleno processo de negociação de seus ativos. Estas unidades estão sendo cobiçadas por grandes multinacionais, que pretendem expandir seus negócios no país.

### **Preço em alta reduz competitividade do etanol - Rafael Rosas – Valor Econômico – Agronegócio - 09/11/2009**

Os preços firmes do álcool combustível reduziram a competitividade do produto em relação à gasolina. Dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) mostram que em 16 unidades da federação e no Distrito Federal os preços do etanol, entre 25 e 31 de outubro, cobrados nas bombas superaram o patamar de 70% do valor da gasolina.

A paridade de 70% é considerada o limite para que o preço do álcool permaneça vantajoso, uma vez que o rendimento do derivado de petróleo é superior ao do etanol.



Na média da última semana de outubro, o preço médio do álcool no país foi de R\$ 1,654 por litro, 65,55% do valor de R\$ 2,523 cobrado, em média, pela gasolina. Mas na abertura dos dados por Estado, apenas Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo e Tocantins apresentaram preços do álcool vantajosos em relação à gasolina.

O melhor custo benefício foi de São Paulo, maior produtor do país, onde o preço médio, de R\$ 1,504, representava 62,79% do valor de R\$ 2,395 cobrado pela gasolina. A pior relação estava em Roraima, onde o preço médio do álcool foi de R\$ 2,155, o equivalente a 79,9% dos R\$ 2,694 cobrados pela gasolina.

Na sexta-feira, o litro do hidratado encerrou a R\$ 0,9469 (sem impostos) no mercado paulista, recuo de 2,07%. O anidro fechou a R\$ 1,1216 (sem impostos), ligeira alta de 0,05%, segundo o Cepea.

#### **Moagem de cana sobe 7,2% no acumulado desta safra – Valor Econômico – Agronegócio - 11/11/2009**

O esmagamento de cana no acumulado desta safra 2009/10 até o dia 1º de novembro totalizou 442,639 milhões de toneladas no país, um aumento de 7,23% sobre o mesmo período do ciclo passado, segundo levantamento da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar).

Na segunda quinzena de outubro, a moagem ficou em 30,191 milhões de toneladas, recuo de 10,3%, como reflexo das chuvas sobre parte das regiões produtoras do Centro-Sul do país. Os Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio de Janeiro foram os mais afetados pelo clima.

Até o dia 1º de novembro, a produção acumulada de açúcar ficou em 24,651 milhões de toneladas, alta de 9,05%, e a de álcool em 19,19 bilhões de litros, redução de 5,22%.

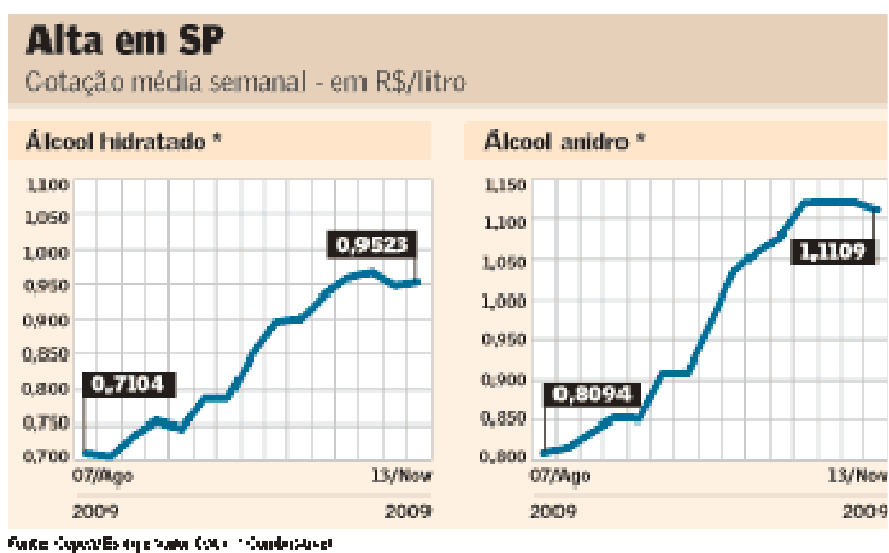
A Unica reforçou em seu levantamento que as usinas decidiram aumentar a produção de etanol anidro (que é misturado à gasolina), para a garantia da mistura de 25% até o fim da safra. O governo estuda se reduz o índice dos atuais 25% para 20%. (MS)

**Etanol pode perder "corrida" contra a gasolina até em SP - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/11/2009**

O Estado de São Paulo, maior produtor e consumidor de álcool hidratado do país, está muito perto de ver o combustível ficar menos competitivo do que a gasolina nas bombas dos postos, o que não é comum. Levando-se em consideração preço e rendimento dos motores, compensa encher o tanque com etanol se este custar até 70% do valor da gasolina. O percentual já superou 60%, e em dezembro, se a tendência atual for mantida, os 70% também ficarão para trás.

Se a expectativa for confirmada, será a primeira vez desde 2006 que os preços médios do hidratado vão superar seu limite de competitividade durante a safra - de abril de um ano a março do seguinte -, disse ao Valor Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar). Não é um bom sinal, já que o Estado responde por quase 60% da produção de cana do país e entre 50% e 55% do consumo nacional do hidratado.

O etanol é mais competitivo em território paulista por diversos motivos. Primeiro, porque o mercado é concorrido - tanto na produção como na distribuição. Mas também porque tem o ICMS mais baixo, de 12%, que o de outros Estados. "O custo logístico em São Paulo também é o menor do país", afirmou Padua.



Levantamento da ANP mostra que entre 8 e 14 de novembro o litro do etanol hidratado valia, em média, 64% do litro da gasolina C (já com 25% de álcool anidro) em São Paulo, mas o percentual está acima de 60% desde outubro. O consumo mensal de gasolina C em São Paulo ficou em 545 milhões de litros em setembro, enquanto o de álcool atingiu 722,16 milhões de litros.

No dia 13, o litro do hidratado vendido pelas usinas às distribuidoras atingiu R\$ 0,9253 (sem impostos), segundo o Cepea/USP, com alta acumulada de 64% nesta safra. Nas bombas, o preço médio do litro do hidratado no país está em R\$ 1,679, alta de 14% no acumulado da safra. Em São Paulo, a valorização na safra é de 22%, com cotação média de R\$ 1,549 em novembro.

Na média de 2006, os preços do hidratado no Estado de São Paulo ficaram em 53,3% do valor da gasolina nos postos; em 2007, o percentual caiu para 53,09%, para depois subir para 53,54% em 2008. Nesta safra até novembro, a média está em 54,69%, informou Padua com base no levantamento da ANP.

No último relatório da agência, o álcool hidratado permanecia mais vantajoso que a gasolina em seis Estados - Goiás, Mato Grosso, Paraná, Pernambuco, São Paulo e Tocantins. Em outros três (Alagoas, Mato Grosso do Sul e Rondônia), os preços atingem exatamente o limite de 70%. Nos outros Estados e no Distrito Federal a relação ultrapassou 70%.

As novas altas dos preços em São Paulo acendem a luz amarela no setor. Guilherme Nastari, da Datagro, observa que, se o etanol hidratado perde competitividade também em São Paulo, a tendência é que aconteça uma retração significativa no consumo nacional - o que certamente reduzirá os preços. Mas o espaço para isso será pequeno, porque a região Centro-Sul entra em dezembro no período de entressafra, que vai até março.

A expectativa é que as cotações do álcool combustível tenham uma certa folga para subir até 10% nas usinas durante a entressafra, segundo Júlio Maria Martins Borges, da Job Economia. Segundo ele, as cotações não devem ter uma alta significativa, mas deverão se acomodar em patamares elevados.

O governo anunciou há algumas semanas que poderia estudar a redução do percentual de mistura do álcool anidro na gasolina - dos atuais 25% para 20% - para evitar novas altas de preços e garantir o abastecimento. Mas qualquer decisão nesse sentido não deverá sair antes de dezembro. Nem o Ministério da Fazenda está pressionando por causa da inflação nem a Agricultura está muito preocupada com abastecimento, apurou o Valor. O governo aguarda balanço do setor para saber se o abastecimento é suficiente até março. **(Colaborou Mauro Zanatta, de Brasília)**

## **Colheita de cana já se aproxima do fim – Valor Econômico – Agronegócios - 25/11/2009**

A colheita de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil, maior região produtora do mundo, deverá terminar no mês que vem, depois que as piores chuvas de 45 anos mantiveram os trabalhadores fora das plantações, segundo Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro, sediada em São Paulo.

A produção de cana-de-açúcar deverá ser de cerca de 530 milhões de toneladas, com 56 milhões de toneladas deixadas nos campos para serem colhidas no ano que vem, disse ontem Nastari em entrevista em uma conferência da Organização Internacional do Açúcar (OIA). A colheita do ano passado se prolongou pelos primeiros meses deste ano, e a maioria dos produtores "lamenta isso" porque eles perderam dinheiro, disse Nastari.

"O número mágico é 22 de dezembro" para o fim da colheita, disse ele. Em setembro os contratos futuros do açúcar subiram ao patamar mais alto de 28 anos na

bolsa de Nova York em setembro passado, devido à especulação de que a oferta seria contida pelo mau clima no Brasil e na Índia.

A oferta mundial de açúcar não deverá atender à demanda pelo terceiro ano-safra a ser iniciado em outubro de 2010. O déficit de 2010/11 deverá ser de 500.000 toneladas, contra o de 8,2 milhões de toneladas de 2009/10, segundo Nastari. "O açúcar é limitado pela capacidade de produção", afirmou ele.

A produção de cana do Centro-Sul aumentará cerca de 10%, para entre 565 milhões e 590 milhões de toneladas no ciclo 2010/11, enquanto a produção de açúcar deverá aumentar cerca de 9%, para 31,6 milhões de toneladas, de acordo com ele.

De acordo com levantamento divulgado ontem pela União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), foram processadas 471,547 milhões de toneladas de cana da safra 2009/10 do Centro-Sul até o dia 16 de novembro. O volume é 7,46% maior que o processado até o mesmo dia da temporada passada (2008/09).

As estatísticas confirmam o teor mais "açucareiro" da safra, já que, no mix, 55,52% do volume foi utilizado para a produção de açúcar e 43,29% para a produção de etanol. No total, a produção de açúcar da região atingiu 26,181 milhões de toneladas até 16 de novembro, 9,82% acima do mesmo período da temporada anterior.

A produção de etanol hidratado, utilizado diretamente nos tanques e com demanda em alta por conta das vendas de carros flexfuel, aumentou 5,93% na mesma comparação, para 15,015 bilhões de litros até 16 de novembro. Já a produção de etanol anidro, misturado à gasolina, recuou 27,22%, para 5,397 bilhões de litros. O movimento se explica exatamente pelo fato de a demanda de hidratado nas bombas estar elevada.

**Cresce mecanização da colheita da cana em SP - Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios - 27/11/2009**

### ***Segundo o secretário Sampaio, governo pode ajudar a financiar colhedoras***

Lançado em junho de 2007 pelas secretarias de Agricultura e Meio Ambiente de São Paulo e pela Unica (entidade que representa usinas sucroalcooleiras do Centro-Sul do país), o Protocolo Agroambiental da Cana-de-Açúcar, que visa antecipar o fim das queimadas na colheita da cultura no Estado, acelerou a mecanização nas lavouras e conteve as emissões de gases de efeito estufa, de acordo com balanço apresentado na quinta-feira.

Conforme Marcos Jank, presidente da Unica, a mecanização, que dispensa as queimadas, saltou de 34% para 54% da área total de cana colhida em terras paulistas desde a assinatura do protocolo. Na época, lembrou o dirigente, a área colhida totalizava 3,2 milhões de hectares, dos quais 1,1 milhão de hectares de cana crua. Na safra atual, afirmou, são 4,3 milhões de hectares no total, sendo 2,28 milhões de cana crua.

O acordo entre o governo paulista e os usineiros estabeleceu a antecipação do fim das queimadas em áreas mecanizadas para 2014. Para as áreas não-mecanizáveis, o limite final é 2017, e em novas áreas de plantio a mecanização é obrigatória. No ritmo atual, os participantes do protocolo acreditam que, nas áreas mecanizadas, o objetivo será alcançado antes do prazo estipulado.

A aceleração da mecanização já levou às usinas de São Paulo a investirem cerca de R\$ 1,2 bilhão na aquisição de colhedoras. Em 2007, eram 753 unidades, número que

superou 2 mil em 2009. Segundo a Unica, as signatárias do acordo - cerca de 85% das 160 usinas associadas à associação - deverão investir mais R\$ 300 milhões em colhedoras na próxima temporada.

Em virtude dessa expectativa, destacou o secretário da Agricultura de São Paulo, João Sampaio, o governo estuda a possibilidade de financiar, com juros subsidiados, máquinas menores para pequenos produtores paulistas.

Com a redução das queimadas na colheita de cana e a tendência de ampliação cogeração de energia a partir do bagaço, a Unica estima que 62,5 milhões de toneladas de CO2 deixarão de ser emitidas até 2017. "Transformamos fumaça e fuligem em energia verde", afirma Jank em comunicado divulgado pela Unica. Ele lembrou que esta será uma contribuição importante para as metas brasileiras de redução de gases de efeito estufa.

### **Restrição de financiamento poupa canaviais já licenciados - Arnaldo Galvão – Valor Econômico – Agronegócios -27/11/2009**

O Conselho Monetário Nacional (CMN) esclareceu que a proibição de crédito rural para a produção e industrialização da cana-de-açúcar em áreas onde a expansão foi vetada não prejudica os locais onde já havia licenciamento ambiental. A Resolução nº 3.803 condicionou o financiamento ao Zoneamento Agroecológico e impediu o crédito para expansão de áreas nos biomas Amazônia, Pantanal, Bacia do Alto Paraguai e terras indígenas. Também foi esclarecido que as normas da Resolução nº 3.804, sobre crédito agroindustrial, também valem apenas para as áreas de expansão.

Para o secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Gilson Bittencourt, era necessário aperfeiçoar a redação dessas resoluções porque surgiram muitas dúvidas no mercado. Ele ressaltou que não há proibição da produção de cana nas áreas onde a expansão foi proibida. A proibição vale para o aumento da área plantada.

Além dessa correção na redação das resoluções sobre a cana, os integrantes do CMN incluíram no programa Pronaf Mais Alimentos a possibilidade de financiamento para produtores de erva-mate e para a aquisição de pequenos caminhões e utilitários. O crédito para aquisição desse tipo de veículo inclui caminhões frigoríficos, isotérmicos ou graneleiros e camionetas de carga, exceto as que têm cabine dupla.

Bittencourt afirmou que, no caso da erva-mate, esse crédito vai beneficiar cerca de 170 mil propriedades em quase 600 municípios nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O Pronaf Mais Alimentos tem limite de R\$ 100 mil por operação, juros de 2% ao ano e prazo de até dez anos para reembolso. A carência pode ser de três anos.

Com relação ao custeio, o Pronaf Mais Alimentos opera, geralmente, com prazo de um ano, mas o limite tolerado é de até dois anos. Considerando as condições especiais da produção de açafrão e palmito, o CMN estendeu para três anos o prazo de pagamento para essas duas culturas.

A reunião de quinta-feira do CMN também flexibilizou as normas do Manual de Crédito Rural (MCR) para permitir que cooperativas de crédito realizem operações sem ter, necessariamente, corpo técnico para análise dos pedidos de financiamento. Nesse caso, elas têm de ser filiadas a uma central de cooperativas que tenha essa estrutura

técnica. Para o secretário, os dois maiores objetivos do governo são a redução de custos e a ampliação do número de agentes que atuam no crédito rural.

Os pequenos produtores rurais que têm financiamento de investimento, no âmbito do Pronaf, com risco da União e dos fundos constitucionais ganharam mais seis meses para aderir à renegociação de suas dívidas. Bittencourt informou que essa era uma reivindicação do Nordeste e envolve operações de crédito com os bancos públicos federais, principalmente BNB, Basa e Banco do Brasil.

O benefício vale para as situações enquadradas nos artigos 15, 16, 17 e 21 da Lei 11.775/2008. Conforme o secretário, há aproximadamente 170 mil operações que podem ser beneficiadas.



## **Biodiesel**

**Agronegócio domina a produção** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009

### DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Desde o início do programa, o agronegócio domina o biodiesel. Plantadores de soja e frigoríficos são os fornecedores de 95% da matéria-prima. Na média dos últimos 11 meses, de acordo com a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), a soja ficou com 79% e o sebo, com 16%. Em terceiro lugar, com menos de 3%, aparece o óleo de girassol. A mamona, carro-chefe da publicidade oficial, não aparece. Ricardo Dornelles, Diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, diz que alguns fatores contribuíram para que a mamona não tivesse o desempenho esperado, como baixa produtividade e falta de cultura de associativismo no Nordeste. Para Fábio Trigueirinho, diretor-executivo da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), a liderança da soja aconteceu porque o produto já tinha um patamar alto de produtividade, por conta de pesquisas feitas há vários anos.

**Petrobras adquire 50% de usina de biodiesel em obras no Paraná** - Marli Lima – Valor Econômico – Agronegócios - 20/11/2009

A Petrobras Biocombustível vai testar no Paraná um novo modelo de administração de uma usina de biodiesel. Após cerca de seis meses de negociações a empresa comprou, por R\$ 55 milhões, 50% da unidade que está sendo construída em Marialva, noroeste do Estado, pela gaúcha BSBIOS. A gestão do empreendimento será compartilhada e o início de produção está previsto para março.

O investimento marca a entrada da Petrobras Biocombustível no Sul do país. Ela já possui usinas em funcionamento em Montes Claros (MG), Candeias (BA) e Quixadá (CE) e tem capacidade instalada de produção de 324 milhões de litros de biodiesel por ano - um novo projeto está em cursos no Rio Grande do Norte. A unidade paranaense poderá fazer 120 milhões de litros por ano e gerará 120 empregos diretos.

A chegada da Petrobras representa uma nova fase na usina de Marialva, que começou a ser erguida pela Agrenco em 2007 e que tinha inauguração prevista para 2008. Como a Agrenco entrou em recuperação judicial, o ativo foi vendido para a BSBIOS por R\$ 40 milhões em uma negociação que começou no início de 2009 e foi anunciada em maio. Antes disso, BSBIOS e Petrobras tinham informado ao governo do Paraná, separadamente, que pretendiam investir na produção de biodiesel no Estado. Agora uma nova empresa será criada para unir os dois sócios e a obra deverá receber R\$ 100 milhões até a finalização. O aporte da Petrobras será para concluir o projeto.

"Para nós é muito estratégica essa parceria de gestão no Paraná", disse o presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto. Ele ressaltou que, como grande parte da renda da atividade será obtida da área agrícola, a intenção é fazer com

que parte dela fique nas mãos de pequenos e médios produtores de grãos da região, que serão os principais fornecedores de matéria-prima.

Hoje o Paraná conta com três usinas de biodiesel, mas usa apenas um terço da capacidade instalada, de 68 milhões de litros por ano. A Biopar, de Rolândia, região norte, responde por 98% da produção, que deverá chegar a 22 milhões de litros em 2009 - ou 1,4% do total estimado para o país. O Estado é o terceiro maior consumidor de óleo diesel (foram 3,9 bilhões de litros em 2008), atrás de São Paulo e Minas.

Com a alta de 4% para 5% de biodiesel na mistura do diesel, a demanda aumentará e, segundo o secretário da Agricultura do Paraná, Valter Bianchini, a meta é a autossuficiência. Outro projeto ficará pronto no início de 2010, com uma usina de produção de biodiesel para o consumo de agricultores familiares do sudoeste do Estado.

O diretor-superintendente da BSBIOS, Erasmo Battistella, contou que planeja participar de leilão de biodiesel em fevereiro. A BSBIOS produz há dois anos em Passo Fundo (RS), onde tem capacidade para 160 milhões de litros por ano. Faturou R\$ 340 milhões em 2008 e prevê R\$ 380 milhões para 2009. Para 2010, quer investir R\$ 100 milhões em uma esmagadora no Rio Grande do Sul.

## POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

### **Etanol**

**Etanol–benefícios, Riscos e desafios** – Marcos Sawaya Jank – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 06/11/2009

Desde março de 2008 o consumo de álcool combustível, o etanol, supera o de gasolina. Por isso se pode dizer que o Brasil é o único país do mundo onde o combustível “alternativo” é o fóssil e o “principal” é renovável. Isso só foi possível graças à sábia decisão adotada depois do choque de 1975, quando lançamos o mais arrojado programa de substituição de petróleo da época. Hoje misturamos 25% de etanol à gasolina, temos uma frota de carros flex que já alcança 90% dos veículos novos e 37% da frota total e contamos com uma ampla distribuição de etanol puro em todos os postos de combustível.

Estudos recentes trazem dados impressionantes sobre os impactos dessa indústria. Considerando somente a produção do etanol, são 465 mil empregos diretos criados no País, seis vezes mais do que a indústria do petróleo. O etanol está presente em 1.042 municípios, ante 176 no caso do petróleo, o que se traduz em maior distribuição de renda e interiorização do desenvolvimento.

Uma simulação feita por professores da USP mostra que 15% de substituição de gasolina por etanol em nível nacional gera 118 mil empregos líquidos, com uma massa salarial adicional de R\$ 236 milhões anuais.

Na área ambiental, desde 1975 o uso de etanol em substituição à gasolina permitiu uma redução de emissões de 600 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>, o equivalente ao plantio de 2 bilhões de árvores. Especialistas afirmam que para cada litro de etanol consumido US\$ 0,20 deixam de ser gastos na mitigação de gases causadores do aquecimento global.

Um estudo realizado pelo Laboratório de Poluição da Faculdade de Medicina da USP estima que se todos os carros da Região Metropolitana de São Paulo fossem movidos exclusivamente a gasolina haveria um incremento de 400 mortes e mais de 25 mil internações hospitalares por ano, com um custo anual de R\$ 140 milhões para o sistema de saúde.

Uma das razões do bom desempenho dessa indústria foi a liberalização do mercado na década de 1990. A extinção dos controles de produção e preços do antigo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) propiciou importantes ganhos de produtividade e reduções reais nos preços desses dois produtos. O petróleo, ao contrário, além de altamente poluente, torna-se cada vez mais escasso no mundo e, portanto, mais caro.

Umadas consequências complicadas da desregulamentação, todavia, foi o expressivo aumento da volatilidade de preços, tanto em termos sazonais (safra e entressafra) como cíclicos (ao longo dos anos). Ao contrário da gasolina e do diesel, que têm seus preços artificialmente fixados pelo monopólio *de facto* da Petrobrás, os preços do açúcar, do etanol e da cana sofrem grandes variações de acordo com a lei da oferta e da procura. Nesse aspecto o etanol brasileiro é semelhante ao petróleo no mercado mundial, já que ambos flutuam ao sabor das leis de mercado. Nos últimos dois anos, por exemplo, o que se viu no Brasil foi um ciclo de preços extremamente deprimidos do etanol em razão do forte aumento da oferta decorrente de elevados investimentos em

expansão e novas usinas.

Se, por um lado, os baixos preços derrubaram a rentabilidade do setor, por outro, eles favoreceram, juntamente com o crescimento da frota flex, um acentuado aumento de consumo, entre 2005 e 2008, de impressionantes 185% de etanol hidratado, ante apenas 7% de gasolina.

Em março deste ano, os empresários do setor sucroenergético reuniram-se repetidas vezes com o governo para discutir formas de estocar o produto, diante da safra recorde que se iniciava e da derrubada de preços causada pela crise financeira global, que abalroou as usinas. Com o balanço da maioria das empresas comprometido pela crise, o programa de estocagem não teve o resultado esperado.

Sete meses depois, na mesma safra, chuvas excessivas prejudicam a colheita da cana e o governo fala em reduzir a mistura de etanol na gasolina de 25% para 20%. Leia-se: uma mudança radical de cenários e políticas dentro da mesma safra!

Acontece que o setor sucroenergético tem reagido muito bem aos estímulos e demandas do mercado, aumentando rapidamente a produção e a sua eficiência econômica e operacional para atender à crescente demanda. Salvo a ocorrência de novos volumes absurdos de chuvas até dezembro, não há motivo para alterar o nível de mistura do etanol na gasolina neste momento. Já se foi o tempo do carro movido unicamente a álcool e, portanto, mais vulnerável a problemas de desabastecimento.

Hoje os carros são “flexíveis” e o etanol compete com a gasolina pela preferência do consumidor em cada bomba de combustível. Ou seja, o ajuste de mercado ocorrerá naturalmente nos postos, pelas mãos soberanas do consumidor, que hoje pode decidir em função dos preços relativos e dos valores intrínsecos de cada combustível em termos de potência, consumo, clima, saúde pública, etc.

Sabemos, porém, que tanto os consumidores como os produtores desejariam ver menos oscilações nos preços do etanol.

Acontece que o etanol é uma commodity agrícola, altamente influenciada pelo clima e produzida durante sete meses para ser vendida o ano todo. Ao contrário do mercado de açúcar, a rigidez das regras de comercialização de etanol dificulta a presença de agentes de comercialização, gera pouca liquidez e enorme volatilidade num mercado primitivo que só funciona no *spot* diário de preços.

É por isso que o setor tem insistido na necessidade de novos instrumentos de comercialização física e futura que gerem maior liquidez e gestão de risco, com a entrada de novos agentes. É preciso também desenvolver políticas tributárias que reconheçam as externalidades socioambientais do etanol para a sociedade, lembrando que ele representa uma das grandes inovações criadas em terras brasileiras. ●

**Gasolina pode ter adição menor de álcool** – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009

**SAMANTHA** **LIMA**  
DA SUCURSAL DO RIO

O governo estuda a possibilidade de reduzir o percentual de álcool misturado à gasolina para tentar segurar o preço do combustível renovável, em alta em dez Estados brasileiros. E uma campanha é preparada para orientar os consumidores a reduzir o consumo do álcool. A redução do álcool na gasolina, avaliada pela ANP (Agência Nacional do Petróleo) e

pelo Ministério de Minas e Energia, poderá ser anunciada em até duas semanas. Já os anúncios devem ser veiculados principalmente no rádio, nos Estados onde abastecer com gasolina está mais vantajoso. Segundo a **Folha** apurou, no entanto, não há consenso dentro do governo em relação à medida. Os ministérios de Minas e Energia e a Casa Civil estão a favor, e o Ministério da Agricultura, contra. Em outubro, o preço do álcool subiu cerca de 10%, tornando-o desvantajoso em relação à gasolina nos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Roraima, Pará, Amapá, Espírito Santo, Amazonas, Piauí, Acre e Minas Gerais. Em média, o preço foi de R\$ 1,475 em setembro para R\$ 1,624. Hoje, a gasolina nos postos tem 25% de álcool anidro em sua composição. "Podemos descer até 20% ou um patamar intermediário", disse o diretor-geral da ANP, Haroldo Lima. Com a redução para 20%, seriam adicionados 100 milhões de litros de álcool por mês no mercado, o que poderia forçar os preços para baixo.

### **Flex**

Com a proliferação dos carros flex, que correspondem à quase totalidade da venda de veículos novos de passeio no país, o consumo de álcool disparou. Até setembro, as vendas do combustível cresceram 27% no ano. Por mês, são 1,45 bilhão de litros. Já a de gasolina está em queda de 1% neste ano, na faixa de 2 bilhões de litros/mês. O álcool misturado à gasolina difere do produto vendido nas bombas por não ter adição de água e é conhecido como álcool anidro. Aquele utilizado para abastecer carros tem 7% de água em sua composição, chamado álcool hidratado. Se o governo decidir pela redução de álcool anidro na gasolina para 20%, a oferta mensal de álcool aumentará em 107 milhões de litros, ou cerca de 7% das vendas atuais (considerando a transformação do produto anidro em hidratado). A última vez em que o governo recorreu ao expediente foi em 2006. Na época, especialistas apontavam que, com os preços do açúcar em alta no mercado externo, produtores optaram por direcionar parte da produção de cana para o açúcar. A decisão vigorou por nove meses, quando o percentual foi elevado para 23%. A medida acabou revogada em meados de 2007, quando se passou a usar o percentual de 25% de novo. "Neste ano, o motivo alegado pelos produtores foi o excesso de chuva, que prejudicou a produção de cana-de-açúcar", disse Lima. Ele afirmou que a possibilidade de formação de estoques reguladores de álcool não é considerada. A alternativa foi discutida em 2006: o governo criaria reservatórios para o produto, que poderia ser usado quando a oferta caísse, elevando seu preço. "Os estudos mostraram que essa medida seria muito cara", diz Lima. Marcos Jank, presidente da Unica (entidade que reúne os produtores de cana-de-açúcar), esteve em Brasília para tentar convencer o governo a esperar até dezembro para avaliar melhor a safra. Para Antônio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da entidade, não adianta o governo tentar reduzir o percentual da mistura. Ele avalia que o preço ainda vai subir mais e o ajuste vai acontecer quando o consumidor avaliar que o preço do álcool está muito alto. "O ajuste vai ser via mercado", disse. De acordo com Rodrigues, houve frustração da safra, e a produção de álcool e açúcar será menor do que a esperada, apesar do aumento da quantidade de cana colhida.

### **Desvantagem**

Para saber se é mais vantajoso abastecer com álcool ou gasolina, o consumidor deve dividir o preço do litro do álcool pelo da gasolina. Se o resultado for superior a 0,7, é melhor abastecer com gasolina. A conta considera o potencial de energia liberada com a

queima dos dois combustíveis.  
Colaborou **HUMBERTO MEDINA**, da Sucursal de Brasília

**Governo de SP muda tributação da cana** – Fátima Fernandes e Claudia Rolli – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009

DA REPORTAGEM LOCAL A Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo mudou a forma de tributação de ICMS da cana-de-açúcar e do álcool para tentar reduzir a sonegação fiscal no setor, estimada em cerca de R\$ 1 bilhão por ano. A partir de 1º de dezembro, a cana-de-açúcar em caule, que era isenta do imposto (ICMS diferido), passa a ser tributada -a alíquota é de 12%. E as usinas e as distribuidoras de álcool serão obrigadas a fazer credenciamento na Fazenda paulista. Se não o fizerem, terão de pagar ICMS antes da venda. Hoje deve ser publicada uma portaria detalhando as mudanças. A Sefaz estuda estender essa forma de tributação diferenciada para outros setores em que já identificou irregularidades no recolhimento de ICMS. "Como a inadimplência e a sonegação são grandes no setor de açúcar e álcool, tomamos a decisão de exigir o credenciamento das usinas e das distribuidoras. A documentação vai permitir uma análise econômica e fiscal das empresas e dos sócios. Quem estiver em situação regular vai ter regime especial de tributação. Caso contrário, a empresa será onerada", afirma Otavio Fineis Jr., coordenador da Administração Tributária da Fazenda paulista.

No Estado de São Paulo, existem 180 usinas e 70 distribuidoras de álcool -eram 140 distribuidoras, mas metade já foi cassada por problemas cadastrais e de adulteração, segundo informa o fisco paulista. "A lógica na mudança da tributação é que vamos atribuir a responsabilidade do recolhimento do ICMS para a empresa mais confiável, a que está regular, seja usina ou distribuidora. No caso de quem estiver irregular, vamos exigir que faça o recolhimento do imposto de forma antecipada", diz Fineis. A mudança na tributação de ICMS para o setor sucroalcooleiro é uma reação do fisco à "queda significativa" de arrecadação de ICMS do setor no último ano, segundo disse à Folha, em agosto, o secretário Mauro Ricardo Costa (Fazenda de SP). Na ocasião, ele afirmou que o setor recebia incentivos fiscais do Estado (a alíquota de ICMS para o álcool é de 12%, e, para o açúcar, de 7%, enquanto a maior parte dos produtos paga 18%), que não enfrentava queda nas vendas e que não havia razão para que o setor recolhesse menos imposto que em 2008, apesar da crise mundial. A inadimplência no pagamento de ICMS no setor dobrou de 3,5% para 7% desde o final de 2008 para 2009, segundo Fineis. "Em São Paulo, a tributação de ICMS sobre etanol é de 12%, e há Estado que recolhe mais do que o dobro." Usinas e distribuidoras que estiverem regulares com o fisco vão seguir as regras atuais de pagamento do imposto que vigorarão até o final deste mês. Isto é, a distribuidora vai recolher o ICMS da operação dela e da do posto de gasolina -sem ter de recolher por

meio de documentos especiais. Usinas e distribuidoras que não estiverem regulares com o fisco terão de recolher o ICMS por meio de guia especial (Gare) em cada operação. Se uma distribuidora não credenciada fizer 30 vendas para postos de gasolina em um dia, por exemplo, terá de preencher 60 guias (sempre uma guia para a operação própria e outra para recolher o ICMS do posto de forma antecipada). A **Folha** apurou que o sindicato que representa as distribuidoras aprovou as medidas.

### Mistura de etanol na gasolina deve ser mantida - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 12/11/2009

O governo considera a recente elevação dos preços do etanol "além do razoável", mas não pretende alterar o percentual de adição do álcool anidro na gasolina para combater o "choque de alta" antes de meados de dezembro.

Embora o governo avalie que os preços devem seguir em alta até março de 2010, não há "consenso interno" sobre a interferência no mercado por meio da redução da adição do etanol, dos atuais 25% para 20%. A alteração seria uma opção, segundo apurou o Valor, apenas para evitar riscos de desabastecimento no mercado, e não para reduzir preços. Isso seria usado apenas em uma "emergência", ou seja, se os preços ficassem realmente fora de controle.



Parte do governo avalia que os preços do etanol necessitam de uma "equiparação" com as cotações da gasolina para frear o consumo e evitar riscos ao abastecimento - a demanda interna chega a 1 bilhão de litros mensais. As usinas precisariam, segundo a avaliação, recompor suas margens após duas safras de excesso de oferta e preços abaixo das médias históricas. Além disso, a entrada de multinacionais no setor desaconselharia medidas extremas de intervenção, sob pena de haver um

prejuízo nas relações futuras. O governo está preocupado em garantir condições para a mistura obrigatória do anidro na gasolina, mas não quer perder de vista os preços do combustível hidratado.

Fontes do governo consideram "razoável" cotações entre R\$ 0,85 a R\$ 0,90 por litro do etanol na usina. Mas os preços do anidro já alcançaram R\$ 1,12 por litro. Isso porque o cenário é desfavorável ao consumidor. As cotações internacionais do açúcar, hoje em níveis recordes, levaram os usineiros a optar por deixar o etanol em segundo plano. Mesmo com o dólar em baixa, houve uma corrida para produzir açúcar. Além disso, o excesso de chuva tem causado dificuldades na colheita da cana e provocado redução nos índices de "ATR" da matéria-prima, o que diminui o desempenho da produção industrial.

A crescente demanda provocada pelos veículos com motores "flexfuel" também elevou o consumo efetivo do combustível. Outro componente importante, segundo o governo, é permitir a recuperação das margens de lucro das companhias do setor após o longo período de baixa nos preços do etanol. O governo também busca evitar desestímulos a investimentos futuros no setor.

No curto prazo, a política oficial tem incentivado as usinas a formar estoques de passagem para atravessar a entressafra. Ocorre que os problemas financeiros de algumas empresas têm impedido os desembolsos na linha de financiamento da estocagem ("warrantagem"). Até setembro, apenas R\$ 12,6 milhões da linha de R\$ 2,3 bilhões administrada pelo BNDES foram emprestados pelo sistema de crédito rural. Esse volume significa apenas 0,5% do total disponível. Algumas usinas não teriam a documentação necessária para apresentar, como a Certidão Negativa de Débito (CND), nem garantias reais a oferecer aos bancos para contratar os recursos. Os juros de 11,25% ao ano também seria pouco atraentes. Em 2008, o governo tentou evitar os efeitos da crise financeira global sobre o setor com a oferta de capital de giro barato.



## **Biodiesel**

**Apagão da mamona** - Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 17/11/2009

Apagão deu também no programa nacional de biodiesel. Gorou uma invençioneira do governo Lula. Por sorte, a lavoura da soja evitou o efeito dominó advindo do fracasso da mamona.

Menos mal.

Introduzir óleo vegetal na matriz energética dos transportes espelha uma excelente ideia. A novidade surgiu em 1970, quando a Universidade Federal do Ceará registrou uma patente para fabricação do biodiesel. Ninguém, entretanto, acreditou no processo.

Há apenas cinco anos, com a alta do petróleo, o assunto esquentou.

Com o preço do diesel castigando os distantes agricultores de Mato Grosso, alguns produtores começaram a colocar óleo de soja direto no motor de suas máquinas agrícolas.

Por incrível que pareça, o trator, mesmo fumaçando branco, andava.

A ousadia espelhava apenas uma angústia. Os motores careciam de alterações técnicas para bem funcionar. E o óleo vegetal precisava ser transformado em biodiesel. Caberia ao governo federal aprontar a nova legislação. Tudo ocorreu rapidamente.

Por meio da *transesterificação* se modifica óleo vegetal em biodiesel. Consiste numa reação química do óleo de cozinha comum com o etanol (álcool etílico), ou metanol, estimulada por um catalisador. O produto resultante ganha poder de combustão, reduz a viscosidade e libera glicerina, um subproduto valioso no mercado de cosméticos.

Vale também para gorduras animais, como sebo de boi.

A legislação, aprovada em 2005, estabeleceu a obrigatoriedade de, a partir de 2008, misturar 2% de biodiesel no óleo combustível derivado do petróleo comercializado no País. Em 2013 tal quesito deverá ser elevado para 5%. De olho no mercado, as empresas fabricantes de motores aceleraram seus investimentos para a adaptação à nova realidade. Tratores ecológicos.

O desafio maior residia na disponibilidade da matéria-prima.

Seriam necessários perto de 900 milhões de litros de biodiesel para assegurar a mistura B2 logo em 2008. Mais que dobraria a quantidade para garantir o B5 em 2013. Foi aqui, na equação da oferta de biodiesel, que o governo cometeu seu grande equívoco.

Dezenas de espécies vegetais oleaginosas se propiciam à produção do biodiesel. Destacam-se soja, mamona, dendê, girassol e pinhão manso. Cada qual apresenta vantagens e desvantagens.

A soja, por exemplo, vence na escala de produção e na tradição de cultivo. Mas perde no teor de óleo da semente, entre 18% e 20%. Bastante proteica, a soja esmagada gera grande quantidade de farelo, ótimo para ração animal, um estorvo, porém, para uma fábrica de biodiesel.

O girassol apresenta de 40% a 45% de óleo na semente, bem mais que a soja. Inexiste no País, todavia, tradição de plantio de girassol. O pinhão manso, planta com elevado teor de óleo, acima de 50%, virou coqueluche sem que nunca tivesse sido cultivada em escala. O dendê, ou a palma, palmeira de origem africana, oferece excelente óleo a partir de sua polpa. Rivaliza com a soja na produção mundial de óleo,

graças aos grandes cultivos na Malásia e na Indonésia. No Brasil, porém, adapta-se somente na região úmida da Amazônia.

Resta a mamona. Resistente, apropriada para solos fracos, seus caroços são conhecidos desde a Antiguidade por causa do óleo de rícino, famoso purgativo na medicina popular.

Sua semente traz de 45% a 50% de óleo. No mundo industrial, o óleo de mamona sempre guardou excelente valor como lubrificante, pois mantém boa viscosidade em ampla faixa de temperatura.

Nessa euforbiácea recaiu a aposta do governo para abastecer o mercado de biodiesel. O projeto incluiu uma grande novidade: a mistura da solução energética com a reforma agrária.

Festiva solenidade comandada por Miguel Rossetto, então ministro do Desenvolvimento Agrário, lançou no Palácio do Planalto, há quarto anos, a inusitada proposta de grudar o biodiesel nos assentamentos rurais.

Criada para favorecer o negócio, a empresa Brasil Ecodiesel prometia sozinha fornecer 800 milhões de litros do novo combustível, sugado principalmente das terras do Piauí. Dinheiro público bancava o projeto. Tudo parecia uma maravilha. Mas nada deu certo. As lavouras não vingaram, os assentados desistiram, o dinheiro do Pronaf sumiu, a mamona murchou. E a Ecodiesel acaba de falir.

Na bomba do posto, todavia, felizmente o óleo combustível contém a mistura renovável. Mágica? Não, em vez da mamona, a soja garante o biodiesel para a Petrobrás, respondendo por 80% da oferta, seguida do biodiesel de sebo bovino (15%).

Para sorte da sociedade e do meio ambiente, a lei se cumpriu. Avança em todo o mundo a agricultura energética. Na agenda das mudanças climáticas globais, definitivamente a energia renovável se imporá.

Que ninguém duvide: os biocombustíveis, tanto quanto a bioeletricidade, ostentarão lugar de destaque na economia verde do futuro. Energia renovável representa um passaporte da sustentabilidade.

Será importante, porque democrático, trazer a massa dos pequenos agricultores a esse decurso virtuoso. As novas tecnologias, amigáveis com a natureza, jamais poderão ser apropriadas apenas pelos ricos e poderosos. Nessa construção da economia de baixo carbono, todavia, inexistente espaço para a demagogia e o amadorismo. Muito menos para qualquer tentativa de sobrepor uma ideologia atrasada sobre o moderno desafio ambiental. Socioambientalismo, sim, manipulação política, não.

Omais curioso dessa história do apagão da mamona se descobre no fisiologismo do poder. O mesmo Rossetto que, naquela época, articulou a festa da Ecodiesel hoje comanda a Petrobrás Biocombustíveis.

Não se descobriu ainda se lá está para tentar salvar a cria ou para enterrála de vez. Coisas da política. ●

**Área pioneira em biodiesel vai para reforma agrária** – Eduardo Scolese e Eduardo Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/11/2009

Há quatro anos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva propagandeou como modelo do futuro dos biocombustíveis um projeto encravado no semiárido piauiense. Hoje, com o fracasso do plano de produção de biodiesel a partir da mamona, em parte pela produtividade baixa, o governo vai usar as terras para a reforma agrária. No local, no município de Canto do Buriti (470 km de Teresina), trabalhadores estão a

míngua, sem renda e trabalho, e agora o governo do Estado corre para que a empresa lhe devolva a área e essa possa ser repassada em definitivo ao Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). A área tem 17 mil hectares, o equivalente a 110 vezes o parque Ibirapuera, em São Paulo. Foi visitada por Lula em agosto de 2005. Na ocasião, o presidente discursou para agricultores familiares da Fazenda Santa Clara, da empresa Brasil Ecodiesel, responsável pelo projeto. Até chorou quando citou a mãe como exemplo de persistência dos nordestinos. Mas, apesar do sucesso da primeira safra, comemorada pelo presidente, a queda da produção nos anos seguintes praticamente paralisou a operação da usina de biodiesel da companhia, na também piauiense Floriano. Atolada em dívidas, a empresa deixou de investir na mamona e liberou os agricultores para plantarem somente feijão em 2009. Para não abandonar por completo a fábrica, a solução foi usar a soja da região para a fabricação do combustível, em apenas alguns meses do ano. "A usina foi fabricada prevendo o uso da mamona, mas hoje é inviável porque o óleo da mamona chega a ser mais caro que o próprio biodiesel", afirma o diretor de Relação com Investidores da Brasil Ecodiesel, Charles Mann de Toledo. Enquanto o faturamento da usina em Floriano chegou a R\$ 13,376 milhões no terceiro trimestre de 2008, nos últimos seis meses as vendas não passaram de R\$ 605 mil. Com a reestruturação financeira da empresa, com dois aumentos de capital neste ano e a posse de uma nova diretoria, a fábrica corre o risco de ser definitivamente fechada até o fim do ano. "Estamos concluindo o planejamento estratégico e, se for o caso, optaremos pelo fechamento", diz o diretor presidente da empresa, Mauro Cerchiari. Apesar de argumentar que o fim da usina não necessariamente significa inviabilizar de vez a Santa Clara, ele confirma que os gastos com educação, saúde e transporte dos agricultores do núcleo pesam no orçamento da empresa, que ainda paga R\$ 160 mensais a cada família mais uma cesta básica. "Existe um problema e o governo se mostrou disposto a ajudar. Pode ser por reforma agrária ou podemos chegar a um acordo para a liberação antecipada das terras, que dentro de mais cinco anos já passariam aos moradores", diz Cerchiari. Mas a Folha apurou que, diante do fracasso do projeto, a empresa aceitou devolver a área ao Estado. Agora o Instituto de Terra do Piauí prepara a transferência da área em definitivo à União. O texto será encaminhado pelo governador Wellington Dias (PT) à Assembleia Legislativa para que tramite em regime de urgência. A Petrobras também entrou na jogada para amenizar o estrago. Quem está à frente dessa operação panos quentes é o ex-ministro da reforma agrária Miguel Rossetto, hoje presidente do braço da estatal para biocombustíveis. A ideia é usar a mamona não mais como fonte de energia renovável e sim para a produção de cosméticos, por exemplo. Já o Incra planeja a produção de frutas na Santa Clara, como manga, caju e melancia. Todos têm pressa: a Brasil Ecodiesel se livra de um problema, o governo do Piauí repassa ao Incra a responsabilidade por essas 600 famílias, a Petrobras evita a criação de um novo bolsão de miséria e o Incra aproveita uma área com infraestrutura básica montada (água, luz, energia e moradia). Assim que a Assembleia do Piauí autorizar a entrega da área ao governo federal, o Incra fará a seleção das famílias e um plano de assentamento. Uma estimativa do órgão é que de 6% a 8% das famílias não possuem aptidão para o trabalho rural, ou seja, podem não ser incluídas na divisão dos lotes.

"Temos pressa porque o objetivo inicial [com o biodiesel] era melhorar a renda dessas famílias", diz Luís Ribeiro, diretor-geral do Interpi (Instituto de Terras do Piauí).

### **Selo de Combustível Social é debatido em Congresso de Biodiesel** – Sítio eletrônico do MDA - 09/11/2009

O diretor do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), Arnoldo de Campos, participa nesta terça-feira (10) do segundo dia do III Congresso da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel, em Brasília (DF). O evento acontece no Hotel Brasília Alvorada.

Campos, que é coordenador do Programa de Biodiesel no MDA, vai apresentar a palestra Biodiesel e Inclusão Social: Selo Combustível Social.

O Congresso tem como objetivo mobilizar a Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel. O evento prevê a realização de palestras envolvendo os principais temas trabalhados na Rede: Agricultura, Armazenamento, Caracterização e Controle da Qualidade, Co-produtos e Produção do Combustível. Também acontecem mesas-redondas, bem como a apresentação de trabalhos científicos e a exposição de produtos e serviços.

### **Selo Combustível Social**

O Selo Combustível Social é a identificação concedida pelo MDA aos produtores de biodiesel que promovem a inclusão social e o desenvolvimento regional por meio de geração de emprego e renda para os agricultores familiares do Pronaf.

Por meio deste selo, o produtor de biodiesel tem acesso a alíquotas de PIS/Pasep e Cofins com coeficientes de redução diferenciados e a melhores condições de financiamentos junto aos agentes financeiros. Também pode usar o selo para fins de promoção comercial de sua empresa.

O selo é concedido aos produtores de biodiesel que compram matéria-prima da agricultura familiar em percentuais mínimos de 30% (regiões Nordeste, Sudeste e Sul) e 10% (regiões Norte e Centro-Oeste - até a safra 2009/2010 e de 15% a partir da safra 2010/2011).

### **Biodiesel: MDA destaca inclusão social no campo** – Sítio Eletrônico do MDA - 11/11/2009

A preocupação com a inclusão social em diversos aspectos do marco legal do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) foi destacada pelo diretor do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor da Secretaria de

Agricultura Familiar (SAF) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Arnaldo de Campos, durante o III Congresso da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel, em Brasília (DF). A apresentação do representante do MDA ocorreu na tarde desta terça-feira (10).

Campos, que é coordenador do Programa de Biodiesel no ministério, apresentou a palestra "Biodiesel e Inclusão Social: Selo Combustível Social". Segundo ele, a utilização desse combustível resulta em mais emprego e renda que o diesel. Atualmente, são 54 usinas produtoras, com capacidade de 3,9 bilhões de litros/ano. Deste total de indústrias, 31 possuem o Selo Combustível Social e, juntas, têm uma capacidade de produção de 3,6 bilhões de litros/ano.

### **Selo**

O Selo Combustível Social é a identificação concedida pelo MDA aos produtores de biodiesel que promovem a inclusão social e o desenvolvimento regional por meio de geração de emprego e renda para os agricultores familiares do Pronaf.

Por meio deste selo, o produtor de biodiesel tem acesso a alíquotas de PIS/Pasep e Cofins com coeficientes de redução diferenciados e a melhores condições de financiamentos junto aos agentes financeiros. Também pode usar o selo para fins de promoção comercial da empresa.

### **Aperfeiçoamento**

Campos destacou os ajustes que o MDA vem realizando para o aperfeiçoamento do Programa de Biodiesel; dentre eles, a publicação de Instrução Normativa (IN) em maio deste ano. A tem o objetivo de conferir maior qualificação da assistência técnica e extensão rural (ater) prestada pelas empresas de biodiesel aos agricultores familiares e maior diversificação de matérias-primas na produção familiar, entre outras metas.

Segundo Arnaldo de Campos, em 2008, cerca de 37 mil agricultores familiares participaram do Programa de Biodiesel com a produção de diversas oleaginosas como a soja, a mamona, o dendê, a canola, o girassol, o amendoim, além de sebo bovino. A receita gerada por estes agricultores foi de R\$ 220 milhões. "Para a safra 2009/2010, a meta é chegar a 100 mil famílias", afirma Campos, que ressalta: "Podemos ir muito além".

**Biodiesel: MDA distribui sementes para agricultores familiares** – Sítio Eletrônico do MDA - 27/11/2009

A Comissão Organizadora do II Salão Nacional dos Territórios Rurais divulgou, no último dia 7, as 145 Boas Práticas Territoriais que estarão no encontro que reunirá iniciativas de apoio a agricultura familiar e ao desenvolvimento sustentável do meio rural brasileiro, entre 22 e 25 de março, em Brasília (DF). Dentre as iniciativas contempladas na seleção, 74,5% estão vinculadas a 108 Territórios Rurais apoiados pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário

(SDT/MDA).

Desde a abertura das inscrições, em outubro do ano passado, foram inscritas 394 experiências de 157 Territórios Rurais. Todos os estados, mais o Distrito Federal, enviaram suas boas práticas. "O resultado foi positivo, pois demonstrou entusiasmo dos atores sociais dos territórios em dar visibilidade às suas ações", avaliou Berenice Silva, membro da Comissão Organizadora do II Salão.

Na primeira edição do evento, em 2006, 90 Boas Práticas Territoriais foram apresentadas. "Esse número também foi considerado alto, pois foi durante a fase inicial da estratégia de desenvolvimento territorial no Brasil", afirmou Berenice Silva.

A escolha das boas práticas para esta segunda edição foi feita por 27 especialistas em desenvolvimento rural convidados para compor a Comissão de Seleção, que avaliaram as experiências realizadas nas áreas de Fortalecimento da Gestão Social, e das Redes Sociais de Cooperação, Dinamização Econômica, Articulação de Políticas Públicas, Sustentabilidade Ambiental, Comunicação e Informação, Cultura e Identidade e Segurança Alimentar.

O secretário da SDT/MDA, Humberto Oliveira, destacou o papel desempenhado pelos especialistas, "que conduziram de forma transparente o processo seletivo, buscando experiências que pudessem ser aplicadas em outros territórios visando o desenvolvimento sustentável no Brasil Rural".

Para valorizar as propostas apresentadas pelos territórios, a Comissão do II Salão definiu que, além das 145 Boas Práticas Territoriais escolhidas para se apresentar no II Salão, as outras 249 experiências territoriais inscritas e que não atenderam ao conjunto de critérios estabelecidos na Chamada Pública também vão ganhar visibilidade no evento.

"Se elas foram definidas pelo público dos territórios, certamente existe uma prática inovadora e nós queremos publicar todas", garantiu Oliveira. De acordo com ele, todas elas serão organizadas em um catálogo de Boas Práticas Territoriais que será disponibilizado no II Salão e servirá de divulgação para a ação de governo em futuros eventos nacionais e internacionais.

Veja em anexo a lista completa das Boas Práticas selecionadas.

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### **Etanol**

#### **Discussão sobre o etanol ganha novas proporções** – Estado de São Paulo – Economia – 16/11/2009

Símbolo do sucesso brasileiro em energia renovável, o etanol também pode ser alvo de barreiras ambientais. O setor enfrenta um momento crítico nos próximos meses, que é a regulamentação dos combustíveis de baixo carbono.

“É a nossa maior preocupação”, disse o presidente da União da Indústria Canavieira de São Paulo (Unica), Marcos Jank. O assunto está sendo debatido nos Estados Unidos e na União Europeia.

Nos Estados Unidos, a discussão não é apenas federal, mas também estadual.

Não existem dúvidas de que o etanol polui menos que a gasolina.

Também está claro que o etanol brasileiro, produzido com cana-de-açúcar, é menos poluente que produto americano, feito a partir do milho. A questão é qual é o tamanho da vantagem.

Segundo Jank, as discussões nos Estados Unidos e na União Europeia consideram o uso indireto da terra. Ou seja, o efeito que a expansão da produção de cana tem no desmatamento da Amazônia.

A área de cana cresce no Centro-Sul, mas, teoricamente, empurra outras culturas em direção à floresta.

“São cálculos muito difíceis de fazer. E estão sendo utilizadas premissas erradas, porque há desconhecimento do álcool de cana”, disse o presidente da Unica. Jank ressalta que apenas 1% da expansão da cana-de-açúcar ocorre por meio de desmatamento, enquanto 60% é feito em áreas de pastagens. Para as usinas, a discussão sobre o padrão do combustível se tornou mais importante que a queda da tarifa cobrada pelos Estados Unidos para a importação de etanol, de US\$ 0,54 por galão, que vence em 2010.

Segundo Jank, a indústria vai fazer um forte lobby para o Congresso Nacional não renovar a tarifa. “Mas se garantirmos uma boa qualificação para o etanol brasileiro como combustível avançado ganharemos aliados nessa briga.”

#### **China investe para se tornar líder global em geração de energia verde** - Cláudia Trevisan – Estado de São Paulo – Vida & - 29/11/2009

A China é o país que mais emite gases que provocam o efeito estufa, tem 17 das 25 cidades mais poluídas do mundo e 70% de seus rios, lagos e reservatórios estão contaminados. Tudo isso é verdade. Mas o país asiático também investe bilhões em tecnologias verdes e caminha rapidamente para se tornar um líder do setor, com meta de ter 20% de sua energia retirada de fontes renováveis em 2020.

As autoridades chinesas concluíram que os problemas ambientais podem comprometer o próprio desenvolvimento do país e afetar a estabilidade social que tanto prezam. Afinal, nada menos que 720 milhões de seus 1,3 bilhão de

habitantes vivem na zona rural e dependem de terras e águas cada vez mais ameaçadas pela poluição.

Além disso, a expansão de tecnologias verdes é considerada uma poderosa fonte de crescimento econômico, que ganhou ainda mais importância com a retração da demanda mundial por exportações chinesas a partir de 2008, em razão da crise financeira global.

O potencial do setor é grande o bastante para amenizar as divisões entre as duas principais correntes do Partido Comunista – a que defende o crescimento acima de tudo e a que também se preocupa com aspectos ambientais e sociais. “Eles resolveram o conflito quando concluíram que a revolução verde é a nova revolução industrial e a grande fonte de crescimento do século 21. O governo está colocando bilhões de dólares nesse setor”, observa Sidney Rittenber, consultor norte-americano que se filiou ao PC chinês nos anos 40, participou da Revolução de 1949 e viveu no país até o fim dos anos 70.

Entidade que reúne multinacionais, ONGs, investidores, representantes de governos e especialistas que atuam na área de energia renovável, a China Greentech Initiative acredita que esse mercado poderá ter movimento anual de US\$ 500 bilhões a US\$ 1 trilhão em 2013, o que na cifra mais alta representaria 15% do PIB chinês previsto para aquele ano.

Os investimentos crescem a um ritmo muito superior ao da expansão da economia e receberam impulso adicional como pacote de estímulo de US\$ 586 bilhões anunciado por Pequim em novembro de 2008, logo depois da eclosão da crise global.

Nadamenos que 37% desses recursos são destinados a projetos na área de tecnologias verdes, estima a China Greentech Initiative.

#### POTÊNCIA AMBIENTAL

O World Watch Institute, com sede em Washington, se refere à China como uma “potência ambiental emergente” e afirma que o país caminha para se tornar líder global em energia renovável, conceito que abrange todas as fontes que utilizam recursos inesgotáveis da natureza como sol, vento e água corrente.

Os ambientalistas costumam excluir da classificação as grandes usinas hidrelétricas, em razão do impacto negativo delas sobre o ecossistema.

Em 2007, os chineses investiram US\$ 12 bilhões em energia renovável, cifra que só ficou atrás dos US\$ 14 bilhões registrados na Alemanha e representou 12% do total desembolsado em todo o mundo naquele ano.

A China dobrou a capacidade instalada para produção de energia eólica em cada um dos últimos cinco anos e caminha para ter a segunda maior potência mundial em 2010, atrás apenas dos Estados Unidos, com geração de 30 GW (gigawatts) – meta que será atingida uma década antes do previsto.

Agora, Pequim trabalha para gerar 100 GW com utilização do vento em 2020, cifra que equivale a toda a capacidade instalada de geração de energia do Brasil, incluindo Itaipu, que gera 14 GW.

“O investimento em energia eólica disparou na China. É um negócio gigantesco e a quantidade de plantas que eles estão construindo é a maior em todo o mundo”, afirma o brasileiro Paulo Soares, que há dez anos vive no país e, há cinco, comanda a operação local da Indiana Suzlon, uma das líderes globais do setor.

Em 2005, a empresa tinha três pessoas na China, incluindo Soares. Hoje, são 100, muitas das quais trabalhando na única grande fábrica da Suzlon fora da Índia. A decisão de produzir na China foi adotada em razão da exigência do



governodeque70%dosequipamentos tenham conteúdo nacional.Paraosdemaispaíses, incluindo o Brasil, a Suzlon exporta turbinas fabricadasnaÍndia.

Soaresressalta ainda que a China tem o maior potencial eólico do mundo,com 250GWemterra e 750GWno mar.

Os chineses já são os líderesmundiaisnautilizaçãode painéis solares para aquecimento de água, com 67% da capacidade instalada no planeta, de acordo com o Renewable Energy and Policy Network for the 21st Century (REN21).

Cerca de 10% das famílias chinesassevalemdosolpara aquecer a água que utilizam emsuas casas.Ameta do governo é dobrar o porcentual até 2020. Na avaliação da Agência Internacional de Energia, esse sistema evitou a emissão de 14 milhões de toneladas de dióxido de carbono em 2005. As emissões globais da China atingiram noanopassado6,9bilhõesde toneladas, o equivalente a 20% do total mundial.

### **Aposta do país em ecologia faz florescer as ecofortunas**

Oestímulooficialaodesenvolvimentode tecnologias verdes levou ao surgimento de ecobilionários, que enriquecem graças àfabricaçãodeprodutos“ecologicamente corretos”.

A lista das fortunas chinesas de 2009 é liderada por Wang Chuanfu, dono da BYD, a primeiraempresadomundoaproduziremlargaescalacarrosmovidos a baterias que podem ser recarregadas na tomada da casa do dono do carro.

A BYD é uma das grandes promessas entre as empresas chinesasdeenergialimpa.Afortuna de Wang Chuanfu, de 43 anos, saltou de US\$ 880 milhões no ano passado para US\$ 5,1 bilhões em 2009, depois que o megainvestidor norte-americano Warren Buffett comprou 10% da empresa.

Suaambiçãoé transformara BYDnamaiorfabricantedecarros do mundo até 2025. A companhia tem a vantagem de contra com enorme potencial em casa.AChinaultrapassouosEstados Unidos neste ano e se tornouomaiormercadoautomobilístico do mundo, com 10 milhõesdecarrosvendidosatéoutubro.

#### **ENERGIA SOLAR**

A energia solar é outra indústria que sustentou a construção de fortunas na China. Shi Zhengrong, dono da Suntech Power, aparece em 58º lugar no ranking de ricos chineses da revista *Forbes* deste ano, com patrimônio de US\$ 1,1 bilhão.

Sua empresa está entre as dez maiores fabricantes de equipamentos para energia solar do mundo.

Apesar de a China exportar a maior parte dos painéis fotovoltaicos, a situação começa a mudar,como desenvolvimento de plantas locais ligadas à rede de transmissão de energia.

Neste ano, o país anunciou a construção do maior projeto de geração de energia solar, na província de Qinghai, na região oeste. O empreendimento começará com a produção de 30 MW, que será elevada a 1 GW no futuro.

O brasileiro Paulo Soares, presidentedaSuzlonChina,ressalta que a estratégia do governodePequimédesenvolverfornecedoreslocaisdeequipamentos de energia renovável. O setor eólico é um bom retrato do impacto das políticas oficiais. Em 2004, 60% do Mercado era dominado por empresas estrangeiras, índice que caiu para 15% em 2009.●

**Amorim quer abertura para etanol nos EUA - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/11/2009**

O chanceler Celso Amorim classifica como “um passo na direção certa” a proposta Americana para a redução de emissões de CO<sub>2</sub> e insiste em conversas com a secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, que a abertura do mercado dos Estados Unidos para o etanol deveria fazer parte das medidas ambientais tomadas pela Casa Branca.

Amorim relevou ontem que conversou por telefone com a secretária de Estado dos EUA na quinta-feira sobre a proposta americana de redução de 17% das emissões de CO<sub>2</sub> até 2020, em relação aos níveis de 2005.

A sinalização americana foi comemorada na Europa, ainda que muitos alertem que ainda não é o suficiente para que haja um acordo na conferência do clima, que ocorre em Copenhague em dezembro.

Os países emergentes indicam que são os ricos quem devem cortar de forma mais drástica suas emissões, além de aceitar financiar uma ajuda para os países mais pobres. “Hillary deu indicações de que, além da redução, uma série de medidas serão tomadas pelo governo Obama. Isso é boa notícia”, disse Amorim.

Uma das esperanças acenada pelo chanceler a Hillary é de que, entre essas medidas, os Estados Unidos acatem a ideia de abrir seu mercado para o etanol brasileiro. Na Organização Mundial do Comércio (OMC), uma lista de produtos ambientais foi apresentada pelos Estados Unidos para que tenham acesso facilitado aos mercados, supostamente com o objetivo de ter um impacto ambiental positivo. Entretanto, o governo americano se recusa a incluir o etanol no debate.

Já o Brasil estima que não há como fechar um acordo ambiental na OMC sem que as tarifas para o etanol do País nos Estados Unidos sejam reduzidas.

Apesar das dificuldades, Amorim acredita que exista espaço para um acordo em Copenhague.

Na reunião, o Brasil apresentará a meta de reduzir entre 36% e 39% as emissões em 2020, em relação ao projetado se nada fosse feito. O chanceler apontou que outros países emergentes seguem o caminho de apresentar metas. Ele, que participa de reuniões em Genebra, alerta que o Brasil não aceitará um acordo climático que acabaria com barreiras comerciais.

“Excluimos assinar qualquer acordo que indique isso.”

ARGENTINA

O secretário do Meio Ambiente da Argentina, Homero Bibiloni, afirmou ontem que será difícil chegar a um acordo se os países industrializados não se dispuserem a financiar a adaptação e a redução das emissões dos demais países às mudanças climáticas.

“Se o dinheiro não estiver na mesa, o acordo será esmagado”, disse. ●

**AIE reduz projeções para a oferta de álcool no país - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 13/11/2009**

A Agência Internacional de Energia (AIE) reduziu as projeções para a produção de etanol no Brasil neste ano e em 2010, ao mesmo tempo em que apontou melhoras na margem de lucro dos produtores nos EUA e na Europa.

Em relatório mensal, a AIE estima que no curto prazo a expectativa é que a produção de etanol no Brasil continuará a cair. As projeções agora são de baixa equivalente a 25 mil barris diários de petróleo em 2009, para 480 mil barris/equivalente por dia. Menor consumo doméstico, preços mais altos do açúcar e desaceleração na construção de usinas também explicam a queda da previsão para 2010 em 45 mil barris equivalente de petróleo por dia, para em 510 mil - mais, portanto, que o volume deste ano.

Já os produtores de etanol nos EUA continuam a se beneficiar dos preços do milho e do gás natural, e melhoraram suas margens. A produção americana atingiu em agosto o equivalente a 727 mil barris de petróleo por dia. Significa que 93% da capacidade tem sido utilizada, muito mais do que a média de 80% a 85% do primeiro semestre. A AIE projeta alta de produção de 10 mil barris por dia este ano, em linha com o objetivo do governo americano para a utilização do etanol. Para 2010, a expectativa é que a produção se mantenha em 770 mil barris.

Os produtores de etanol na Europa também se beneficiam de margem de lucro maior. O preço favorável do trigo permitiu uma alta de volume do combustível equivalente a 10 mil barris por dia em 2009 e esse aumento deverá chegar a 15 mil barris em 2010.

Globalmente, a projeção da AIE agora é de baixa na produção de biocombustíveis, num volume equivalente a 5 mil barris de petróleo por dia este ano e de 10 mil no ano que vem. No Brasil, a queda na produção de etanol é compensada pela contínua alta na produção de petróleo. Em agosto, a produção de petróleo foi 65 mil barris por dia maior do que as projeções da AIE e bateu novo recorde de mais de 1,9 milhão de barris por dia.

#### **Rio busca, mais uma vez, estimular área de etanol - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios -13/11/2009**

O governo do Estado do Rio de Janeiro tenta, mais uma vez, dar impulso ao setor sucroalcooleiro. A região de Campos de Goytacazes, no norte fluminense, recebeu, pela primeira vez depois de 24 anos, investimentos de R\$ 100 milhões na construção de um projeto "greenfield" (construção a partir do zero). A usina Cana Brava entrou em operação, ainda em fase experimental, na quarta-feira.

"Sabemos que o Rio não tem condições de disputar em volume de cana com outras regiões do país. O mais importante deste investimento é que estamos estimulando o desenvolvimento com a produção [de cana] em municípios daquela região", afirmou ao Valor Christino Áureo, secretário de Agricultura do Estado.

A usina Cana Brava pertence ao engenheiro civil Ludovico Giannattasio, cuja família é produtora de cana na região de Campos. "Conheço bem essa região do Rio e

sei também sobre a decadência da cultura, mas estamos apostando na reversão deste quadro", afirmou Giannattasio.

O empresário, que atuou nos anos 80 no setor de construção civil, afirmou que a usina produzirá apenas etanol nesta primeira fase. A partir de 2011 deverá receber investimentos para a produção de açúcar. O projeto contempla cogeração de energia a partir do bagaço de cana.

Nesta fase de moagem experimental, a usina deverá processar cerca de 50 mil toneladas de cana. Para o próximo ciclo 2010/11, a moagem deverá alcançar 1 milhão de toneladas e depois saltar para 1,5 milhão de toneladas.

A primeira fase do projeto consumiu investimentos da ordem de R\$ 100 milhões. Até R\$ 70 milhões podem ser aplicados na segunda fase. Segundo Áureo, secretário de Agricultura do Estado, o governo financiou cerca de R\$ 10 milhões por meio do programa de fomento do Estado, o Investe Rio. Os fundos Fundacam (Fundo de Desenvolvimento de Campos) e o Frense (Fundo de Recuperação dos Municípios Fluminenses) também contribuíram para financiar o projeto "greenfield". "Mas boa parte da usina foi financiada com recursos próprios", disse Áureo.

O Estado do Rio chegou a ter 24 usinas em operação nos anos 80, auge do Proálcool. Boa parte destas unidades estava concentrada na região norte do Estado, principalmente em Campos dos Goytacazes. Com a crise do Proálcool e também dos empresários locais, o número de usinas se reduziu para sete nesta safra - já incluindo a Cana Brava. No ano passado, três unidades produtoras, que eram controladas pelo grupo Othon, entraram com pedido de recuperação judicial. Desde 2005, o governo do Estado tenta revitalizar a cultura canavieira na região. Nesta safra, a 2009/10, a produção de cana está estimada em cerca de 3 milhões de toneladas.

Neste projeto atual de revitalização do setor sucroalcooleiro, o governo está estimulando o plantio de cana no município de São Francisco de Itabapoana, que tem um dos mais baixos IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Estado, afirmou Áureo. "A usina está instalada próxima a esse município, que fica perto da fronteira com o Espírito Santo", afirmou Áureo. "Temos um plano para o setor, que contempla projetos que contemplem mecanização."

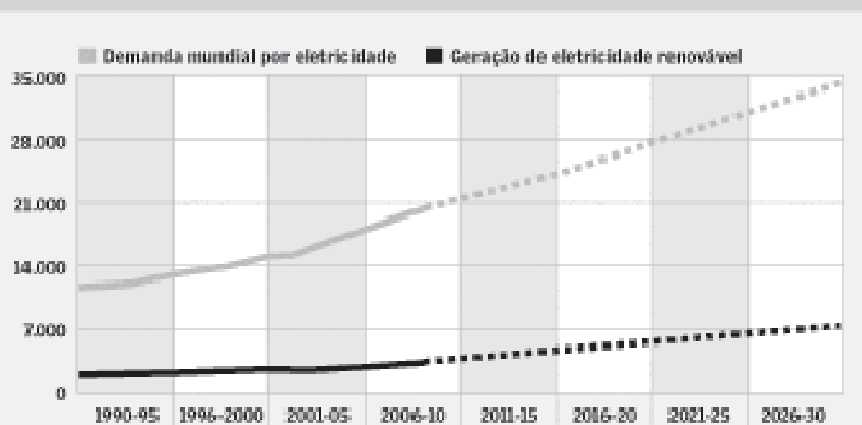
### **Energia renovável não bastará, diz AIE – Valor Econômico – Internacional - 20/11/2009**

Turbinas eólicas, painéis solares e usinas hidrelétricas não serão construídas rápido o bastante para acompanhar o ritmo da demanda global de eletricidade até 2030, segundo previsão da Agência Internacional de Energia (AIE).

O gráfico mostra a crescente disparidade entre a energia gerada com combustíveis renováveis e o consumo total. Isso significa que as usinas movidas a carvão, mais baratas, porém mais poluentes, vão aumentar sua participação no total de geração mundial. Isso deve gerar um aumento extra nas emissões dos gases-estufa, responsáveis pelo aquecimento global.

## Fornecimento que não acompanha a demanda

Previsão da AIE, em terawatts/hora



Fuente: AIE

Para dar conta do grande aumento de consumo, países em desenvolvimento, como China e Índia, precisarão de novos geradores para produzir o equivalente a mais de quatro vezes o potencial elétrico total dos EUA hoje, segundo a AIE. Baseando-se no atual cenário de políticas energéticas com uso intensivo de combustíveis fósseis, a agência estima que o aumento de produção custará aos emergentes US\$ 13,7 trilhões, até 2030.

"Temos de considerar que o carvão ainda será a escolha primária de geração de energia no futuro", disse José Garcia, analista na consultoria Brattle Group, de Madri.

A queima de carvão deve contribuir em 44% para da geração de eletricidade em 2030, contra cerca de 41% atualmente, disse a AIE. A tonelada de carvão pode chegar a custar US\$ 109 em 2030, menos do que os US\$ 120, de 2008, segundo estimativa da agência.

"Nós vamos precisar tanto de mais energia renovável quanto de maior eficiência energética" para acabar com a crescente disparidade entre a demanda crescente por eletricidade e a oferta de energia de baixo carbono, disse Claudia Kemfert, analista-chefe de energia do instituto econômico DIW, de Berlim.

### **Etanol entra de vez na rota da Rhodia - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Empresas - 25/11/2009**

O grupo Rhodia está analisando ativos no setor sucroalcooleiro para investimentos na produção de etanol, com o objetivo de utilizar o álcool como matéria-prima na produção de solventes químicos. A empresa também está fortemente interessada na energia gerada a partir do bagaço da cana. O presidente da Rhodia para América Latina, Marcos De Marchi, confirmou ao Valor o interesse da companhia na produção de etanol.

"Ainda não definimos como será o formato desse negócio. Estamos analisando. Somos um dos maiores compradores de álcool do Brasil para fins industriais", disse o executivo. A empresa compra por ano cerca de 140 milhões de litros de etanol, de várias usinas do país, voltado para aplicações na indústria química.

O Valor antecipou que a empresa já analisou e tem interesse nos ativos da Equipav, com duas usinas em São Paulo. A multinacional tem um leque de cerca de 10 usinas que já estariam no seu radar para análise, segundo uma fonte familiarizada com o assunto. O grupo chegou a olhar os projetos da Brenco, que optou por unir suas operações com a ETH Bioenergia, do grupo de Odebrecht. A multinacional também entrou em contato com o grupo paulista Bertolo, com unidade em São Paulo.

A produção de açúcar não interessa à companhia francesa. A empresa quer focar em negócios voltados para sustentabilidade, segundo informou uma outra fonte. "A empresa estuda a possibilidade de ter um sócio", afirmou essa mesma fonte.

Atualmente, a Rhodia tem contratos fechados de longo prazo com usinas para a compra de álcool destinado a garantir o seu abastecimento, afirmou De Marchi. A empresa utiliza a matéria-prima para a produção de ácido acético e acetato de etila.

Fontes afirmam que a empresa também tem interesse em fazer pesquisas com bagaço para desenvolvimento de novos produtos para indústria química.

A companhia francesa, que está no Brasil há 90 anos, compra etanol desde 1942 no país. Àquela época, o grupo comprava o produto de usinas instaladas no Nordeste e o mesmo descia por cabotagem até São Paulo. A partir da 2ª Guerra Mundial, a cabotagem tornou-se ser inviável e o grupo passou a procurar alternativas no próprio Estado de São Paulo.

A empresa começou a produzir seu próprio álcool, mas a partir dos anos 60 desistiu dessa empreitada por não ser o "core business" da companhia. Agora, o álcool voltado para indústria química deverá fazer parte dos negócios do grupo novamente.

A produção de álcool destinado às indústrias químicas no Brasil hoje gira em torno de 1 bilhão de litros por safra - o que representa 4% da produção nacional de etanol. Do total de 1 bilhão de litros voltado para esse segmento, uma parte também é utilizada pelas indústrias farmacêuticas para a produção de remédios e perfumes.

Segundo Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar), a rota do eteno renovável (com o álcool como matéria-prima em substituição à nafta) deverá ter maior crescimento nos próximos anos, com potencial de produção em torno de 3 bilhões de litros por safra. "Atualmente a Rhodia e a Oxiten (que pertence ao grupo Ultra) são os principais compradores da indústria química", afirmou. Boa parte dessa indústria aposta no etanol como alternativa à matéria-prima fóssil e também porque o produto tem apelo sustentável.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**  
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

**Assistentes de Pesquisa**  
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria

**oppa** **Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**  
**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRJ • Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214  
Fax: 21 2224 8577 – r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actonaaid



Ministério do Desenvolvimento Agrário

